

# Impactos da violência perpetrada contra adolescentes na qualidade de vida

## *Impacts of perpetrated violence against adolescent women on the quality life*

Michelle Araújo Moreira<sup>1</sup>, Twanny Moura Santana<sup>1</sup>, Polliana Santos Ribeiro<sup>1</sup>, Jéssica Suellen Barbosa Mendes Ramos<sup>1</sup>

---

### Resumo

**Introdução:** A violência é um fenômeno complexo, multifacetado e que pode ser cometida por indivíduos em diferentes grupos sociais, especialmente na fase da adolescência. **Objetivos:** Traçar um perfil sociodemográfico das adolescentes vítimas de violência e dos agressores; caracterizar os tipos mais frequentes de violência; levantar as principais repercussões e impactos na qualidade de vida. **Material e Métodos:** Trata-se de um estudo quanti-qualitativo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. O lócus do estudo definiu-se pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) em Canavieiras-Bahia. Os sujeitos do estudo foram dez adolescentes que tiveram os seus direitos violados e foram assistidas entre os anos de 2006 a 2012. Os dados foram coletados por meio do levantamento das informações em prontuários. A análise dos dados referentes às evoluções da equipe e aos depoimentos das vítimas foi codificada pela técnica de análise de conteúdo temática. O perfil da vítima e do agressor foi categorizado quantitativamente. **Resultados:** Observou-se que as vítimas tinham entre 10 e 12 anos, cor/etnia negra e ensino fundamental incompleto. Em relação aos agressores, 100% eram do sexo masculino, com idade entre 10 e 48 anos, possuíam ocupação remunerada e tinham vínculo afetivo com a vítima. Tratando-se da violência sofrida, 60% eram sexuais. Os sentimentos em relação ao agressor eram ambíguos, prevalecendo medo e raiva em 40% dos casos seguidos por carinho em 30% dos registros. **Conclusão:** Compreende-se que a violência relaciona-se aos diversos fatores sociais, culturais e regionais que repercutem na vida das adolescentes, merecendo um olhar integral e cauteloso para minimizar ou eliminar sequelas que podem perdurar por toda a vida.

**Descritores:** Violência contra a Mulher; Adolescente; Qualidade de Vida.

### Abstract

**Introduction:** Violence is a complex, multifaceted phenomenon. Individuals in different social groups can practice it, especially during adolescence. **Objectives:** Outline the sociodemographic profile of adolescent victims of violence and that of their aggressors; characterize the most common types of violence; raise the main effects and impacts on quality of life. **Material and Methods:** This is a quantitative and qualitative study approved by the Research and Ethics Committee. The study of the locus was defined by the Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) (Specialized Reference Center for Social Assistance) in Canavieiras, Bahia State. The study subjects were ten adolescents who had their rights violated and were attended between 2006 and 2012. Data were collected through the gathering of information from the medical records. Data analysis regarding the team's developments, as well as on the victims' testimonies was coded by the thematic content analysis technique. Victim and aggressor's profile were categorized quantitatively. **Results:** It was observed that the victims were between 10 and 12 years old, black ethnicity and primary school incomplete. In relation to the aggressors, 100% were male, aged between 10 and 48 years. They held paid job and an emotional bond with the victim. With regard to the violence suffered, 60% were sexual. The feelings toward the aggressor were ambiguous, prevailing fear and anger in 40% of cases, followed by affection in 30%. **Conclusion:** It is understood that violence is related to the various social, cultural, and regional factors that affect the lives of adolescents. It deserves a comprehensive and cautious look to minimize or eliminate consequences that can last for life.

**Descriptors:** Violence Against Women; Adolescent; Quality of Life.

---

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Santa Cruz(UESC)- Ilhéu-BA-Brasil

**Con lito de interesses:** Não

**Contribuição dos autores:** MAM orientação do projeto, delineamento do estudo, discussão dos achados e elaboração do manuscrito. TMS coleta, tabulação, discussão dos achados e redação do manuscrito. PSR, JSBMR discussão dos achados e redação do manuscrito.

**Contato para correspondência:** Michelle Araújo Moreira

**E-mail:** michelleepedro@uol.com.br

**Recebido:** 13/07/2016; **Aprovado:** 26/10/2016

## Introdução

A violência é um fenômeno proveniente de interações individuais e coletivas, que se perpetua em diferentes espaços da sociedade, submetendo adolescentes a situações de discriminação, negligência e abandono, gerando danos físicos, emocionais, espirituais, dentre outros<sup>(1)</sup>. Observa-se uma tendência crescente no que tange à violência social, aquela perpetrada no espaço público e com determinado grau de risco, especialmente no público masculino. Por outro lado, visualiza-se uma violência intensa e massiva perpetrada no espaço privado, no contexto de invisibilidade e silêncio, com público majoritário de mulheres, crianças e adolescentes<sup>(2)</sup>. Assim, comprova-se que o público feminino, especialmente as adolescentes, sofre violência com mais frequência e, que, embora esta traga diversos agravos à saúde física e mental, na maioria das vezes, não provoca a morte repentina. Por este motivo, torna-se menos visível, sobretudo quando é disparado no âmbito domiciliar, o que a limita a um problema particular<sup>(3)</sup>.

Percebe-se ainda que, a violência contra a mulher sofreu variações conceituais ao longo dos anos. Inicialmente, denominava-se como violência intrafamiliar. Depois de algumas décadas, passou a ser intitulada como violência doméstica e, posteriormente violência de gênero. Destaca-se que este tipo de violência pode ser entendido como um produto das relações desiguais entre os gêneros, o que denota posição de poder, hierarquia e mando de um lado e, em contrapartida, subordinação, o que fica evidenciado na vida das adolescentes<sup>(4)</sup>. Dessa maneira, a violência cometida contra a mulher representa qualquer ação ou comportamento com base no gênero que viole os direitos humanos. Logo, tal agravo permanece elencado por morte, dano físico, sexual ou psicológico, sendo praticada em esfera pública ou privada<sup>(5)</sup>.

Convém afirmar que, as mulheres adolescentes são mais frequentemente acometidas pelo processo da violência quando comparadas aos homens em decorrência do modelo patriarcal, de submissão da mulher e de vulnerabilidade, especialmente as condições financeiras e afetivas<sup>(6)</sup>. Ademais, durante a puberdade, fase de transição da infância para a adolescência, as meninas passam pelo momento de amadurecimento sexual, por meio de uma série de mudanças de cunho biológico, psicológico e comportamental, momento em que agressores aproveitam para cometer seus crimes<sup>(6)</sup>.

A violência sexual constitui uma das manifestações mais cruéis cometidas contra as mulheres, resultando em múltiplos traumas como distúrbios psicossomáticos, gravidez indesejada, contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, sobretudo quando esta envolve a adolescente, ser humano em fase de transformação mental, intelectual e social<sup>(7)</sup>. Nesse sentido, a violência é compreendida como todo ato sexual cujo agressor possui desenvolvimento psicossocial mais elevado do que a criança ou adolescente. Manifesta-se por toda e qualquer forma de prática erótica e sexual imposta pela violência física, ameaça ou inferência da sua vontade<sup>(6)</sup>.

Diante desse panorama, surgiram alguns questionamentos como: Quais os tipos de violência mais frequentemente perpetrados contra as adolescentes? Quem são os principais agressores? Quais as repercussões da violência vivida nas adolescentes? Qual o impacto da violência na qualidade de vida das adolescentes? Com isso, acredita-se que um estudo sobre o fenômeno da violência contra adolescentes, a partir de uma caracterização das vítimas e violentadores, uma tipificação dos tipos de violência e uma análise dos significados sobre a situação vivida e a sua

influência na qualidade de vida possa demonstrar que esse grave problema de saúde pública necessita de uma rede assistencial com maior capacitação dos profissionais de diversas áreas, uma melhoria no atendimento às vítimas e seus agressores e um maior número de iniciativas para o seu enfrentamento.

Para tanto, os objetivos definiram-se por: traçar um perfil socio-demográfico das adolescentes vítimas de violência e dos seus agressores; caracterizar os tipos mais frequentes de violência cometida contra as adolescentes e levantar as principais repercussões e impactos na saúde das adolescentes em decorrência da violência sofrida.

## Material e Métodos

Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, exploratória e descritiva. A pesquisa quantitativa envolve um sistema lógico, sustentando a atribuição de números às propriedades, objetos e acontecimentos, proporcionando resultados eficazes e informações úteis. A abordagem qualitativa permite a exploração de aspectos não mensuráveis relacionados principalmente ao campo das ciências sociais, apresentando características flexíveis e heterogêneas<sup>(8)</sup>.

O estudo desenvolveu-se no Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS), do município de Canavieiras-BA. O CREAS representa um núcleo que oferece um conjunto de ações sociais especializadas, voltadas ao atendimento do cidadão ou famílias em situação de violação de direitos.

Destaca-se que, a escolha por esse cenário deve-se ao número expressivo de ocorrências registradas e relacionadas aos casos de violência contra adolescentes entre 2006 e 2012. Os sujeitos do estudo foram mulheres adolescentes de 10 a 19 anos (caracterizando o período de idade da adolescência proposto pelo Ministério da Saúde), que tiveram os seus direitos violados e foram assistidas pelo CREAS entre 2006 e 2012.

A coleta dos dados deu-se após aprovação plena do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UESC, parecer 554.048 e CAAE 25565213.9.0000.5526, por meio de visitas ao cenário do estudo e aproximação com os profissionais lotados no CREAS de Canavieiras e, especialmente, pelo levantamento das informações em prontuários de adolescentes que sofreram violência e foram acompanhadas pelo serviço entre 2006 e 2012. Ressalta-se que, os dados foram coletados nos prontuários, após total entendimento dos objetivos da pesquisa e liberação pelas participantes e/ou seu responsável (nos casos da menor de idade) com posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) como regulamenta a Resolução nº 466/2012<sup>(9)</sup>.

Os dados qualitativos coletados no prontuário foram analisados pela técnica de conteúdo temática no que tange às evoluções da equipe multidisciplinar e aos depoimentos da violência sofrida pelas participantes. Além disso, o perfil da vítima e do agressor foi categorizado e analisado qualitativa e quantitativamente. As participantes foram identificadas por nomes de mulheres que lutaram contra a violência de gênero no decorrer da história, possibilitando o anonimato.

## Resultados e Discussão

Compreende-se que, a violência contra a mulher é um fenômeno de inúmeras dimensões e independe de classe social, cor/etnia, geração, nível socioeconômico e cultural, religião, meios e locais<sup>(10)</sup>. Contudo, sabe-se que essas vítimas possuem um perfil individual e social que apontam para o panorama nacional da violência contra a mulher no cenário locorregional, conforme aponta a Tabela 1:

**Tabela 1.** Características sociodemográficas das adolescentes vítimas de violência. Canavieiras/BA, 2006-2012.

Variáveis	N	%
<b>Idade</b>		
10 – 12 anos	6	60
13 – 14 anos	4	40
≥15 anos	-	-
<b>Cor/etnia</b>		
Negra	9	90
Não negra	1	10
<b>Escolaridade</b>		
Analfabeta	-	-
Ensino fund. I	7	70
Ensino fund. II	3	30
Ensino médio	-	-
<b>Ocupação</b>		
Estudante	9	90
Não estudante	1	10
<b>Quantidade de membros que convive na família</b>		
01 a 03 membros	2	20
04 a 06 membros	6	60
07 a 09 membros	-	-
≥10 membros	1	10
Não informado	1	10
<b>Renda familiar mensal</b>		
1 salário	7	70
2 a 4 salários	-	-
5 a 7 salários	-	-
9 a 10 salários	1	10
≥10 salários	-	-
Não informado	2	20
<b>Situação habitacional</b>		
Imóvel próprio	8	80
Imóvel alugado	2	20
<b>Histórico toxicológico</b>		
Faz uso de droga	-	-
Fez uso de droga	-	-
Nunca utilizou drogas	10	100
<b>Total</b>	10	100

Fonte: CREAS, Canavieiras-BA.

A caracterização sociodemográfica das adolescentes vítimas de violência aponta para uma maior incidência de casos entre meninas de 10 a 12 anos, vulneráveis pela situação de baixa escolaridade, pela dependência financeira e pela dificuldade de acesso aos serviços de saúde públicos na sua localidade de residência.

Tais questões elevam a vulnerabilidade das adolescentes à violência, tornando-as refém dos seus agressores, especialmente no âmbito familiar. Muitas vivem em núcleos familiares extensos (acima de quatro membros) e passam por situações adversas no que tange à estruturação emocional e aos recursos financeiros. Os achados deste estudo coadunam-se com outras pesquisas, na medida em que os agressores demonstram a preferência por menores de 10 a 14 anos, momento em que essas meninas estão adentrando a fase da puberdade e transparecendo suas características secundárias sexuais<sup>(11)</sup>.

Observa-se ainda o predomínio da violência entre mulheres negras, na maioria das vezes, aquelas que estão desprovidas da possibilidade de acesso aos serviços de saúde e dos órgãos de denúncia e acompanhamento da violência.

Nota-se que, a maioria dos casos notificados está relacionada à

baixa renda familiar, de modo que, alguns familiares encaminham essas adolescentes para lares de vizinhos e parentes, na tentativa de minimizar a situação de dificuldade financeira em que vivem, mas os agressores aproveitam o momento de fragilidade individual e social para cometerem suas ações<sup>(12)</sup>. Tal constatação pode ser verificada no seguinte depoimento: “*ao se ver em condições financeiras precárias, sobrevivendo apenas com o Benefício do Bolsa Família, a genitora passou a guarda da adolescente para o tio, que residia em São Paulo com a promessa que o mesmo exerceria o papel de cuidador da menor, dando-lhe assistência integral. Porém, ao chegar à cidade de São Paulo, a adolescente passou a ser abusada sexualmente bem como mantida em cárcere privado*”. (Heleieth Saffioti)

Verifica-se que, essas meninas estão inseridas em um grupo social desprivilegiado, em que as oportunidades são escassas e as condições de vida são precárias. Cabe desvelar o perfil dos agressores que perpetram violência, no sentido de coibir tal prática no meio social. A Tabela 2 apresenta essa caracterização:

**Tabela 2.** Características sociodemográficas dos agressores das adolescentes vítimas de violência. Canavieiras/BA, 2006-2012.

Variáveis	N	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	-	-
Masculino	10	100
<b>Idade</b>		
≤ 15 anos	1	10
15 - 19 anos	1	10
20 - 24 anos	-	-
25 - 29 anos	1	10
30 - 34 anos	1	10
35 - 39 anos	1	10
40 e +	1	10
Ignorado	2	20
Não Informado	2	20
<b>Vínculo entre agressor e vítima</b>		
Padrasto	2	20
Amigo	-	-
Colega de escola	1	10
Tio	1	10
Pai	4	40
Irmão	1	10
Primo	1	10
Ignorado	-	-
Não Informado	-	-
<b>Ocupação</b>		
Recepcionista	1	10
Pedreiro	2	20
Estudante	2	20
Pescador	1	10
Caseiro	1	10
Fiscal de Gari	1	10
Ignorado	2	20
Não soube informar	-	-
<b>Aspectos toxicológicos</b>		
Faz uso de drogas	4	40
Fez uso de drogas	-	-
Nunca utilizou drogas	1	10
Ignorado	-	-
Não informado	5	50
<b>Total</b>	10	100

Fonte: CREAS, Canavieiras-BA.

Quanto ao perfil do agressor, o estudo revelou que, na maioria dos casos era homens mais velhos que detinham vantagens físicas e financeiras sobre a vítima a partir de ocupação remunerada e maturidade emocional, além de vínculo afetivo ou consanguíneo e relação de poder. Essa condição comprovou a hierarquização entre os gêneros e revelou a representação social sobre o homem e a mulher. Homens definidos como o sexo forte e mulheres como sexo frágil, sendo esse padrão replicado nas situações de violência contra as adolescentes, momento em que essas permanecem em posição de sujeição e exploração.

Pesquisa aponta que as desigualdades de gênero, questões geracionais e culturais que levam ao machismo, naturalizam as relações de poder com atos violentos sustentados e agravados por diversos espaços de publicidade, reforçando ideias machistas, preconceituosas e de violação, exploração e dominação<sup>(13)</sup>. Nesse cenário social, o espaço familiar passa a ser simbolizado como ambiente de desestruturação e desenvolve-se permeado por relações de machismo e negligência por parte dos pais<sup>(14)</sup>. Demonstra-se, neste estudo, que os agressores possuem idade variada, com predominância na faixa etária acima dos 15 anos, demonstrando que, além da relação de poder, existe uma condição favorável em relação à força física e a confiabilidade que a mesma tem no agressor<sup>(1)</sup>.

No que se refere ao vínculo do agressor com a vítima, os resultados constatam que os atos de violência contra adolescentes são praticados, em sua grande maioria, pelos pais, seguido pelo padrasto, tios, irmãos, primos e amigos, revelando que o violentador é geralmente alguém do convívio diário da vítima e que possui relação de proximidade física ou afetiva. Além disso, as situações de violência cometidas pelos agressores são as mais diversas, denotando o fenômeno da multidimensionalidade como apontado na Tabela 3 abaixo:

**Tabela 3.** Características da violência sofrida pelas adolescentes. Canavieiras/BA, 2006-2012.

Variáveis	N	%
Tipo de violência		
Física	2	20
Psicológica	1	10
Sexual	6	60
Negligência	1	10
Local de ocorrência da violência		
Casa da vítima	5	50
Casa de familiares	2	20
Espaço Escolar	1	10
Via Pública	2	20
Não informado	-	-
Ignorado	-	-
Frequência		
1 – 3 vezes	2	20
Frequentemente	5	50
Não soube informar	2	20
Ignorado	1	10
Duração		
1- 6 meses	1	10
7- 12 meses	-	-
>1 ano	1	10
Não informado	7	70
Ignorado	1	10
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100</b>

Fonte: CREAS, Canavieiras-BA.

Sobre os tipos de violência, verifica-se que as adolescentes sofreram a física, a psicológica, a social e a sexual. Dentre estas, houve destaque maior para a violência sexual, na forma de abuso sexual, seguida da física, embora se saiba que a violência psicológica é transversal e, portanto, perpassa todas as demais<sup>(15)</sup>. Este estudo defende que as violências vivenciadas na adolescência, sobretudo no âmbito doméstico, dificilmente acontecem de forma isolada, são múltiplas e plurais, com diferentes graus de visibilidade<sup>(16)</sup>, como visto no discurso abaixo: *“a adolescente relata também que essa senhora a qual foi entregue, a batia muito e ainda lhe xingava de “nome feio”. Quando falava para ela que seu filho estava abusando sexualmente, a senhora não acreditava, dizia que ela estava inventando porque seu filho era um garoto bom, e se realmente estivesse acontecendo isso, a culpa era dela”*. (Maria da Penha)

No tocante ao local da agressão, a pesquisa revela que a maioria das agressões foi praticada no domicílio da própria vítima ou na casa de familiares. A preferência dos agressores pelo lar pode ser explicada pelo fato de as meninas permanecerem mais tempo nesse local, sendo assim mais susceptível a agressão<sup>(17)</sup>, o que pode ser validado no depoimento a seguir: *“nesse dia ela estava em casa dobrando roupa quando o seu pai chegou, a jogou em cima da cama, tocando a sua vagina e os seus seios por baixo da blusa. O mesmo tirou a sua roupa, porém a sua irmã chegou na hora e seu pai começou a agredi-la fisicamente para que a sua irmã não desconfiasse”*. (Sheila Sabag)

Além disso, a pesquisa apontou que as adolescentes, em sua maioria, eram violentadas frequentemente. Compreende-se, portanto, que a violência pode ocorrer uma única vez ou pode durar anos<sup>(14)</sup> como apontado abaixo: *“A adolescente contou que as tentativas do pai eram frequentes, mas que ela sempre conseguia escapar”*. (Sheila Sabag)

*“Os atos de abuso aconteciam quase todos os dias e quando ficava só com o agressor”*. (Maria da Penha)

Tal violência pode passar a acontecer com maior frequência e de forma abusiva, se a adolescente não encontrar suporte para ser retirada daquela situação, e da confusão existente em sua cabeça pela inversão de papéis familiares<sup>(18)</sup>, a exemplo da confiança e do apoio familiar como detectado a seguir: *“A vítima relatou que a mãe sempre teve conhecimento dos fatos, porém, não acreditava na filha, já que os atos violentos sempre aconteciam quando esta não se encontrava em casa”*. (Vera Lúcia Fermiano)

*“a menina relatou que perdeu a virgindade aos 12 anos com um namorado e que o pai foi contra o namoro, e nesse mesmo ano lhe propôs ter relações sexuais com ele. A menor rejeitou, porém o genitor desconsiderou a negativa e a partir daquela data, tinha relações sexuais toda semana com a filha. Acrescentou ainda que o pai tem muito ciúmes dela”*. (Clair Castilhos Coelho)

Entende-se que, a violência perpetrada contra a adolescente acarreta consequências físicas, psíquicas, cognitivas, sociais e emocionais, especialmente quando se torna rotineira<sup>(18)</sup>. Tais efeitos deletérios no decorrer do tempo se acumulam, culminando em sequelas que podem prologar-se na vida adulta da adolescente<sup>(19)</sup>, como detectado na Tabela 4:

**Tabela 4.** Repercussões físicas, emocionais e comportamentais da vítima após a violência sofrida. Canavieiras/BA, 2006-2012.

Variáveis	N	%
<b>Físicas</b>		
Hematomas	1	10
<b>Emocionais</b>		
Frustrações de humor	1	10
Melancolia	1	10
Tentativa de suicídio	1	10
Insegurança	1	10
<b>Comportamentais</b>		
Vergonha	1	10
Dific. de aprendizagem	2	20
Dific. de socialização	4	40
Abandono escolar	1	10
Ansiedade	2	20
Choros frequentes	2	20
Sono agitado	2	20
Falhas durante o sono	2	20

Fonte: CREAS, Canavieiras-BA.

O estudo revela que, a violência pode repercutir de diversas formas, trazendo alterações não apenas anatômicas, mas também psicológicas e comportamentais, perpassando o âmbito das emoções. Além disso, observa-se uma justaposição desses impactos, ou seja, um ato de violência traz prejuízos físicos, emocionais e comportamentais para uma única vítima, como explicitado no depoimento a seguir: *“além da agressão física, a filha sofre pelo abandono do pai biológico e depois desses acontecimentos a adolescente apresentou notável mudança no comportamento: apresenta ansiedade e em alguns momentos tenta manipular os avós.* (Rita Cerqueira de Quadros)

Os impactos de ordem comportamental e emocional estiveram presentes em todos os casos, demonstrados por frustração de humor, melancolia, insegurança, vergonha, tentativa de suicídio, dificuldade de aprendizagem e de socialização, abandono escolar, ansiedade, choros frequentes e distúrbio do sono.

Pesquisa aponta os danos físicos como o maior motivo das denúncias pelo fato de resultarem em lesões aparentes e facilmente detectadas, quando comparadas às de ordem emocional. Nota-se que, as ocorrências mais graves decorrem de lesões físicas gerais, lesões genitais e anais, hematomas, queimaduras, entre outros<sup>(20)</sup>, como revelado no depoimento abaixo: *“o agressor começou a espancá-la, posteriormente o mesmo a conduziu para a sua residência, onde continuou agredindo violentamente a filha, com o auxílio de um cinto, deixando-a toda ensanguentada”.* (Maria do Espírito Santo dos Santos)

Além disso, a ansiedade, o medo, a dificuldade escolar, o autoritarismo e os gestos agressivos podem decorrer da vivência da violência<sup>(21)</sup>. Tais afirmações comprovam-se na fala a seguir: *“relata que após o fato, a filha teve mudança significativa de comportamento: constantes flutuações de humor; tendência à melancolia, problemas de socialização na escola, comportamento de adulto, tem relacionamentos mais amigáveis com pessoas com mais idade e está apresentando uma sensibilidade muito grande”.* (Maria Marta Baião Seba)

*“Abandonou a escola em que estudava, devido o assunto ter chegado ao conhecimento dos seus colegas e até hoje teme em retornar à escola, pois o ocorrido já chegou ao conhecimento de algumas pessoas da cidade”.* (Vera Lúcia Fermiano)

Por fim, percebe-se que a vivência da violência durante a adolescência, pode gerar diversas consequências físicas e psicológicas que se prolongam durante toda a vida<sup>(2, 19)</sup>.

Comprova-se ainda que, a inexistência de oportunidades para deflagrar o protagonismo juvenil, as desigualdades sociais, a exclusão nos serviços de saúde públicos, juntamente com a falta de autonomia emocional e financeira, configuram-se como fatores de risco, aumentando a vulnerabilidade dessas adolescentes à violência no seio familiar.

Compreende-se que, a desigualdade entre os gêneros, alicerçada em um paradigma dominante masculinizado, coopera para que as jovens sejam defloradas, principalmente por integrantes do seio familiar, como se fossem objetos de uso, pura mercadoria de troca.

Constata-se que, a vivência cotidiana da violência repercute nas adolescentes de diversas formas e intensidades, causando alterações no comportamento, na autoimagem desconstruída, no corpo físico molestado com reclusão no convívio social. Sabe-se que, a violência nem sempre se manifesta de forma aparente, o que dificulta a sua confirmação, sendo necessário um olhar amplo e humanizado, principalmente das enfermeiras, cuidadoras das distintas etapas do ciclo de vida das mulheres.

#### Conclusão

Percebe-se, nesse estudo que, as adolescentes vítimas de violência transitam majoritariamente na faixa etária de 10 a 12 anos, são negras, estudantes e vivem em núcleos familiares extensos com mais de 4 membros e com uma renda mensal em torno de 1 salário mínimo, revelando as múltiplas vulnerabilidades a que encontram-se expostas. Por outro lado, os agressores são exclusivamente do sexo masculino, com idade acima dos 25 anos, empregados e possuem grau elevado de proximidade física e emocional, a exemplo do pai e do padrasto, o que revela que a violência se institui no âmbito do espaço familiar.

No que se refere aos tipos mais frequentes de violência cometida contra as adolescentes, nota-se que a violência sexual é mais comum seguida da violência física. As repercussões na saúde das adolescentes abarcam a esfera física, emocional e comportamental com destaque para a dificuldade de socialização e os distúrbios de aprendizagem e sono.

#### Referências

- Miranda MIF, Santos MAM, Tourinho MBAC, Watanabe CV, Miguel VVR, Santos GDN, et al. Violência sexual contra crianças e adolescentes em um município da Região Norte do Brasil. Rev Soc Bras Enferm [periódico na Internet]. 2014 Dez [acesso em 2016 Jul 10];14(2):[aproximadamente 8 p.]. Disponível em: [http://cedh.ro.gov.br/wp-content/uploads/2015/04/v\\_14\\_n\\_2-artigo\\_pesquisa-violencia\\_sexual\\_contra\\_crianças\\_e\\_adolescentes.pdf](http://cedh.ro.gov.br/wp-content/uploads/2015/04/v_14_n_2-artigo_pesquisa-violencia_sexual_contra_crianças_e_adolescentes.pdf)
- Matoso MBL, Matoso LML, Rocha EMP, Carvalho BGS. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: O papel do profissional de enfermagem e serviço social. Cad Bras Saúde

- Mental [periódico na Internet]. 2014 Jun [acesso em 2016 Jul 10];6(13):[aproximadamente 16 p.]. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/viewFile/1887/3631>
3. Hohendorff JV, Habigzang LF, Koller SH. Psicoterapia para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no sistema público: panorama e alternativas de atendimento. *Rev Psicol: Ciênc Profissão* [periódico na Internet]. 2015 Mar [acesso em 2016 Set 27];35(1):[aproximadamente 17 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v35n1/1414-9893-pcp-35-01-00182.pdf>
4. Oliveira MT, Samico I, Ishigami ABM, Nascimento RMM. Violência intrafamiliar: a experiência dos profissionais de saúde nas Unidades de Saúde da Família de São Joaquim do Monte, Pernambuco. *Rev Brasileira Epidemiologia* [periódico na Internet]. 2012 Mar [acesso em 2016 Set 2017];15(1):[aproximadamente 13 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v15n1/15.pdf>
5. Kronbauer JFD, Meneghel SN. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Rev Saúde Publica* [periódico na Internet]. 2015 Jun [acesso em 2014 Mar 02];39(5):[aproximadamente 6 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n5/26287.pdf>
6. Trabbold VLM, Caleiro RCL, Cunha CF, Guerra AMC. Concepções sobre adolescentes em situação de violência sexual. *Psicologia e Sociedade* [periódico na Internet]. 2016 Jan [acesso em 2015 Jul 10];28(1):[aproximadamente 9 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v28n1/1807-0310-psoc-28-01-00074.pdf>
7. Ministério da Saúde. Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2012.
8. Mesquita RF, Matos FRN. Pesquisa qualitativa e estudos organizacionais: história, abordagens e perspectivas futuras. In: *Anais 4º Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração, Deslocamentos de março de 2014* [evento na Internet]; 2014. Florianópolis: UNIFOR; 2014 [acesso em 2015 Jun 5]. Disponível em: <http://coloquioepistemologia.com.br/site/wp-content/uploads/2014/04/ANE-113-Pesquisa-Qualitativa-e-Estudos-Organizacionais.pdf>
9. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2012.
10. Waiselfisz JJ. Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília (DF): MMIRDH; 2015.
11. Justino LCL, Nunes CB, Gerkb MAS, Fonseca SSO, Ribeiro AA, Paranhos Filho AC. Violência sexual contra adolescentes em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Rev Gaúcha Enferm* [periódico na Internet]. 2015 Jun [acesso em 2016 Julho 11];36(Esp):[aproximadamente 17 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v36nspe/0102-6933-rgenf-36-spe-0239.pdf>
12. Monteiro CFS, Teles DCBS, Castro KL, Vasconcelos NSV, Magalhães RLB, Deus MCBR. Violência sexual contra criança no meio intrafamiliar atendidos no SAMVVIS, Teresina, PI. *Rev Bras Enferm* [periódico na Internet]. 2008 Jul [acesso em 2014 Maio 10];61(4):[aproximadamente 4 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n4/10.pdf>
13. Gessner R, Fonseca RMGS, Oliveira RNG. Violência contra adolescentes: uma análise à luz das categorias gênero e geração. *Rev Esc Enferm USP* [periódico na Internet]. 2014 Jul [acesso em 2016 Jul 10];48(Esp):[aproximadamente 6 p.]. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe/pt\\_0080-6234-reeusp-48-esp-104.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe/pt_0080-6234-reeusp-48-esp-104.pdf)
14. Silva JG, Valadares FC, Souza ER. O desafio de compreender a consequência fatal da violência em dois municípios brasileiros. *Interface* [periódico na Internet]. 2013 Jul [acesso em 2016 Jul 10];17(46):[aproximadamente 12 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v17n46/aop2913.pdf>
15. Moura MAV, Netto LA, Souza MHN. Perfil sociodemográfico de mulheres em situação de violência assistidas nas delegacias especializadas. *Rev Esc Anna Nery* [periódico na Internet]. 2012 Jul [acesso em 2014 Mar 10];16(3):[aproximadamente 7 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n3/02.pdf>
16. Pereira RCBR, Loreto MDS, Teixeira KMD, Sousa JMM. O fenômeno da violência patrimonial contra a mulher: percepções das vítimas. *Rev Bras Economia Doméstica* [periódico na Internet]. 2013 Jan [acesso em 2016 Jul 10];24(1):[aproximadamente 29 p.]. Disponível em: <http://www.seer.ufv.br/seer/oikos/index.php/httpwwwseerufvbrseeroikos/article/view/89>
17. Nunes AJ, Sales MCV. Violência contra crianças no cenário brasileiro. *Ciência e Saúde Coletiva* [periódico na Internet]. 2016 Mar [acesso em 2016 Jul 11];21(3):[aproximadamente 9 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n3/1413-8123-csc-21-03-0871.pdf>
18. Arpini DM, Siqueira AC, Savegnago SDO. Trauma psíquico e abuso sexual: o olhar de meninas em situação de vulnerabilidade. *Rev Psicol Teor Prática* [periódico na Internet]. 2012 Fev [acesso em 2016 Jul 11];14(2):[aproximadamente 13 p.]. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872012000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000200008)
19. Schaefer LS, Rossetto S, Kristenson CH. Perícia psicológica no abuso sexual de crianças e adolescentes. *Psicologia Teor Pesqu* [periódico na Internet]. 2012 Abr [acesso em 2016 Jul 10];28(2):[aproximadamente 7 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n2/11.pdf>
20. Florentino BRB. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal Rev Psicol* [periódico na Internet]. 2015 Maio [acesso em 2016 Jul 10];27(2):[aproximadamente 5 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v27n2/1984-0292-fractal-27-2-0139.pdf>
21. Chioquetta RD. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: o berço do crime. *Rev Labor Estudos Violência UNESP* [periódico na Internet]. 2014 Maio [acesso em 2016 Jul 10];1(13):[aproximadamente 10 p.]. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/view/3758>

Michelle Araújo Moreira é enfermeira graduada pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), especialista em Saúde

Pública, especialista em Cuidado Pré-Natal pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), mestre, doutora e pós doutora pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: michellepedro@uol.com.br

Twanny Moura Santana é enfermeira graduada pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: twannym@gmail.com.

Polliana Santos Ribeiro é graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). E-mail: pollyribeir@hotmail.com

Jéssica Suellen Barbosa Mendes Ramos é graduanda de Enfermagem pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: jsuellen7@gmail.com